

CHARLES MORRIS E O PRAGMATISMO DE RUDOLF CARNAP

CHARLES MORRIS AND RUDOLF CARNAP'S PRAGMATISM

Ivan Ferreira da Cunha¹

Universidade Federal de Santa Catarina

clockwork.ivan@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta a aproximação entre Rudolf Carnap e o Pragmatismo norte-americano como realizada por Charles Morris, no texto “Pragmatism and Logical Empiricism”. Seguindo Morris, delineamos as influências do Pragmatismo sobre as propostas de Carnap em “Testability and Meaning”, enfatizando o ponto de vista denominado Empirismo Científico, defendido por Carnap e Morris. Com isso buscamos chamar a atenção para a relação de Carnap com a tradição norte-americana, que parece ser de fundamental importância para a compreensão da obra tardia daquele autor.

Palavras chave: Positivismo Lógico. Pragmatismo. Empirismo Científico. Rudolf Carnap. Charles Morris.

Abstract: *This paper presents the approximation between Rudolf Carnap and North-American Pragmatism, as done by Charles Morris in the text “Pragmatism and Logical Empiricism”. Following Morris, we trace the influences of Pragmatism over Carnap’s proposals in “Testability and Meaning”, emphasizing the point of view known as Scientific Empiricism, put forward by Carnap and Morris. Furthermore, we seek to call attention to Carnap’s relation with the North-American tradition, which seems to be rather important to the understanding of Carnap’s later works.*

Keywords: *Logical Positivism. Pragmatism. Scientific Empiricism. Rudolf Carnap. Charles Morris.*

* * *

Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar o grau de proximidade entre o Pragmatismo e as propostas de Rudolf Carnap, a partir do artigo “Pragmatism and Logical Empiricism”, de Charles Morris, publicado em 1963. Carnap é conhecido pelos trabalhos do início de sua carreira, no Círculo de Viena, na fase conhecida como Positivismo Lógico. Neste artigo, partiremos de uma fase posterior e menos conhecida do pensamento de Carnap, a partir do final da década de 1930, quando ele se mudou para os Estados Unidos da América.

No texto indicado, Morris indica aspectos da obra de Carnap, encontrados no artigo “Testability and Meaning”, que são evidentes esforços de incluir, na análise da ciência, a pragmática, isto é, uma disciplina empírica, parte da semiótica, que propõe que os termos “contenham referência não apenas à linguagem, mas às pessoas que usam a linguagem” (MORRIS, 1963, p. 88). Falemos primeiro do papel que “Testability and Meaning” teve na obra de Carnap.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSC, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Henrique de Araújo Dutra.

1. Testabilidade e Significado

Publicado originalmente em duas partes no periódico *Philosophy of Science*, nas edições de 1936 e 1937, o artigo é um divisor de águas na carreira de Carnap. Ele estabelece definitivamente algumas alterações em sua proposta de filosofia da ciência. Um dos primeiros pontos que Carnap enfatiza nesse artigo é que a filosofia da ciência não pode se restringir a um estudo lógico-formal da ciência, mas deve realizar também um estudo empírico. Até então, Carnap havia estudado a atividade científica por meio de construções sintáticas, realizadas com a lógica matemática. Em “Testability and Meaning”, Carnap afirma que a filosofia da ciência precisa também de estudos nos campos da semântica e da pragmática (Carnap, 1936-7, pp. 431-2).

Assim, Carnap elabora uma construção sintática e um sistema de interpretação, constituindo uma linguagem (*L*) que permite acomodar os enunciados da física e parte da matemática. Em seguida, Carnap propõe que só podemos compreender certas ocorrências em *L* por meio da observação do comportamento dos usuários daquela linguagem. Dessa forma, ele apresenta os conceitos “observável”, “testável” e “confirmável”, que podem ser aplicados a enunciados de *L*. Tais conceitos não podem ser definidos em um sistema lógico; só podem ser explicados em função do uso que os cientistas fazem deles (Carnap, 1936-7, pp. 431-71).

Isso representa uma mudança na estratégia de Carnap para o estudo da ciência. Em suas primeiras obras, um enunciado podia ser considerado científico caso pudesse ser formulado em uma sintaxe lógica cujos enunciados básicos tratavam apenas de dados dos sentidos ou vivências elementares (*Erlebnissen*) de um sujeito. Ou seja, Carnap propunha que o que caracterizava a ciência era a possibilidade de seus enunciados serem traduzidos em enunciados que tratam de dados dos sentidos (cf. Carnap, [1928]). No início da década de 1930, ainda no Círculo de Viena, Carnap adotou a tese do Fisicalismo, propondo que os objetos básicos de seu sistema lingüístico eram os objetos físicos, em detrimento da base de vivências elementares. Mas, da mesma forma, o requisito da possibilidade de tradução aos enunciados básicos – agora de natureza fisicalista – permaneceu (cf. Carnap, [1931]).

Este ponto de vista recebeu diversas críticas; a mais importante delas é que o sistema proposto por Carnap não poderia compreender as leis científicas e os enunciados sobre objetos inobserváveis.² Em “Testability and Meaning”, Carnap muda seu critério de demarcação e passa a propor que o que torna um enunciado científico é o uso que os cientistas fazem de tal enunciado – em função da noção de “enunciado confirmável” (Carnap, 1936-7, pp. 421-4; 33-5).

Veremos mais alguns detalhes de “Testability and Meaning” a partir do artigo de Morris, que procura mostrar que tais alterações na proposta de Carnap são justamente os pontos de contato com o Pragmatismo.

2. Carnap e o Pragmatismo

O primeiro aspecto que Morris aponta como uma possível divergência é o solipsismo metodológico adotado por Carnap no final dos anos 1920, isto é, a estratégia de tomar como ponto de partida epistemológico os dados dos sentidos de um sujeito. O problema que isto

² Esta crítica foi apresentada, por exemplo, por Karl Popper [1934] e Otto Neurath [1932].

acarreta é que todos os outros objetos devem ser construídos a partir daí, o que leva ao problema da justificação de alguns objetos, tais como os objetos intencionais e culturais. O Pragmatismo sempre valorizou fatores sociais em todas as suas análises, incluindo-os no estudo da investigação científica; Morris cita Charles Sanders Peirce, que diz que “nenhuma mente pode dar um passo sem a ajuda de outras mentes” (PEIRCE *apud* Morris, 1963, p. 92). Mas Carnap, em “Testability and Meaning”, muda suas propostas e justifica o solipsismo metodológico da seguinte forma: “ninguém, ao testar qualquer enunciado empiricamente, pode fazer nada além de se referir às suas próprias observações; não pode usar os resultados de observações de outras pessoas a não ser que tenha tido contato com elas” (CARNAP, 1936-7, pp. 423-4). Em relação ao problema das outras mentes, Carnap afirma que, em seu sistema, “predicados psicológicos (...) são intersubjetivamente confirmáveis, mas apenas subjetivamente observáveis” (CARNAP, 1936-7, p. 11). E Morris diz, de maneira enfática, que essa visão não entra em conflito com o Pragmatismo (cf. Morris, 1963, p. 92).

A distinção citada acima, entre “observável” e “confirmável” é importante. O “observável” é o verificável, ou testável; é aquilo que pode ser comparado com os dados dos sentidos. Já o “confirmável” é aquilo que pode ser aceito ou rejeitado por uma comunidade de observadores (Carnap, 1936-7, pp. 425-7). “Confirmável” é um termo que não pode ser definido logicamente, mas apenas por meio “da psicologia, e mais precisamente, da teoria comportamentalista da linguagem” (CARNAP, 1936-7, p. 454); ora, a teoria comportamentalista da linguagem é a pragmática, pois se trata da observação do comportamento dos usuários da linguagem.

O segundo ponto apresentado por Morris é a questão do realismo que os pragmatistas defendem. Carnap nunca negou a existência de uma realidade empírica, afirmando que “em todas as questões empíricas, há unanimidade. Assim, a escolha de um ponto de vista filosófico não influencia o conteúdo da ciência natural” (CARNAP, [1928] 2003, p. 333); ou seja, ele não admite nem o realismo, nem o idealismo, nem qualquer outra alternativa a estas questões sobre a existência de uma realidade “em si”. Ele diz ainda que “isto não significa que as duas teses [realismo e idealismo] sejam falsas; mais do que isso, elas não têm significado algum, de tal forma que a questão sobre a verdade ou falsidade não pode sequer ser colocada” (CARNAP, [1928] 2003, p. 334). Mais uma vez, com a introdução da distinção entre confirmável e testável, comenta Morris, Carnap aproxima sua proposta do Pragmatismo; ele afirma, em “Testability and Meaning”, que o enunciado “Se todas as mentes (ou: seres vivos) desaparecessem do universo, as estrelas continuariam em seus cursos” é confirmável, mas de maneira incompleta, ou seja, há a possibilidade lógica de tal enunciado ser confirmado, mas isto não ocorreria. Podemos pensar em tal enunciado, pois as leis da mecânica celeste independem de observadores (Carnap, 1936-7, p. 37). Morris afirma que “o Pragmatismo não precisa do realismo e nem é mais comprometido com ele do que nessa medida” (MORRIS, 1963, p. 93).

O terceiro item que Morris apresenta como um ponto de aparente afastamento – mas que depois de “Testability and Meaning” se tornou de aproximação entre Carnap e o Pragmatismo – é a questão do fisicalismo. Trata-se da doutrina que afirma que a linguagem da ciência é a linguagem de objetos físicos. A questão de desacordo é que, para o Pragmatismo, a única linguagem que pode ser aceita é a linguagem cotidiana. Porém, ainda em 1932, no Círculo de Viena, Carnap admite a possibilidade de escolha entre uma linguagem protocolar externa à linguagem dos cientistas, construída num sistema lógico, e uma linguagem protocolar dentro da própria linguagem do sistema de que se está tratando, em que não haveria necessidade de regras de tradução (Carnap, [1932] 1996, p. 93). Em “Testability and

Meaning”, Carnap afirma que o que ele tinha em mente ao propor o fisicalismo era de fato “a linguagem-das-coisas³ ou, mais exatamente, os predicados observáveis da linguagem-das-coisas” (CARNAP, 1936-7, p. 467). Uma página antes, em seu texto, Carnap define a linguagem-das-coisas como “aquela linguagem que usamos na vida cotidiana para falar sobre as coisas perceptíveis à nossa volta” (CARNAP, 1936-7, p. 466). Morris associa tal linguagem à proposta de levar em conta o senso-comum, que é própria do Pragmatismo (Morris, 1963, p. 94).

Tendo mostrado estes três aspectos de aproximação entre a proposta de Carnap e o Pragmatismo, Morris fala de dois aspectos em que seus pontos de vista se afastam da proposta norte-americana. A primeira é quanto à natureza dos juízos de valor, e a segunda é quanto à natureza da filosofia (Morris, 1963, p. 94). Para pragmatistas como John Dewey,⁴ a ética tem claramente o *status* de uma ciência empírica, ao passo que Carnap parece não aceitar tal proposta. A filosofia, para Carnap, se restringiria à análise da linguagem. Ele aceitaria como filosofia genuína apenas uma análise da linguagem da ciência, o que o levaria a não aceitar a proposta pragmatista de tornar-se a filosofia uma disciplina científica, sem limitá-la à filosofia da ciência ou à epistemologia. Carnap afirma na resposta ao artigo de Morris que “parece melhor deixar o termo ‘filosofia’ sem qualquer limite preciso, e meramente propor a inclusão ou exclusão de determinados tipos de problema” (CARNAP, 1963, p. 862). Ou seja, nestes aspectos há uma separação entre o Pragmatismo e a proposta de Carnap, mas não se trata de uma fronteira rígida.

Um ponto em que há claramente um desacordo da parte de Carnap em relação ao Pragmatismo é na distinção – que Carnap exige – entre os modos formal e material do discurso. De modo a evitar mal-entendidos e controvérsias, Carnap propõe que em um discurso filosófico ou científico, os termos devem ser definidos de maneira explícita e fazendo referência aos objetos observáveis, ou a objetos já aceitos, presentes em enunciados confirmados. Trata-se da exigência do estudo lógico-formal, como sintaxe e semântica, da ciência, que deve ser realizado junto com o estudo empírico – de modo a contemplar as características da ciência de modo mais abrangente.

Morris entende isto como uma crítica que o Pragmatismo deve considerar (cf. Morris, 1963, p. 98), e elabora uma proposta que visa mesclar os pontos de vista tipicamente pragmatistas com a proposta de Carnap. Morris chamou este ponto de vista intermediário de Empirismo Científico. Falemos um pouco sobre tal proposta.

3. Empirismo Científico

Para Morris, a melhor forma pela qual podemos realizar uma investigação é por meio daquilo que se chama método científico. A filosofia não precisa e nem deve ter um *modus operandi* diferente daquele dos cientistas. Ele propõe a criação de uma metaciência, uma ciência da ciência (Morris, [1938] 1955, pp. 65-69).

Morris afirma que as “línguas são desenvolvidas e utilizadas por seres vivos operando em um mundo de objetos, e apresentam tanto a influência dos usuários quanto dos objetos” (MORRIS, [1938] 1955, p. 67). Assim, o campo de investigação do Empirismo Científico deve ser dividido em uma parte lógica, a sintaxe e a semântica, e em uma parte

³ O termo utilizado em inglês é *thing-language*.

⁴ Cf. Dewey, [1939].

empírica, a observação do comportamento dos usuários da linguagem – em outras palavras, a pragmática. Não haveria mais a possibilidade de uma unidade da ciência por meio apenas da lógica, como propunham os empiristas lógicos, uma vez que “a unidade da ciência não é mais uma unidade puramente formal, já que a unidade ou não unidade da linguagem científica corresponde, de certa maneira, à relação semântica ou à falta de relação entre os diversos termos das ciências – e também às relações de objetos” (MORRIS, [1938] 1955, pp. 69-70).

No final de “Testability and Meaning”, Carnap afirma que a sua proposta pode ser classificada justamente como Empirismo Científico – ou seja, ele se alinha ao ponto de vista de Morris. A introdução de termos como “convenção”, “decisão”, “procedimento” e “regra”, como o próprio Morris afirma, é uma forma de inclusão de elementos pragmáticos a uma proposta formal, da mesma forma como faz Carnap, tal como mostramos acima, ao falar de termos como “confirmável”, “testável”, “observável” e “concebível” (Morris, [1938] 1955, p. 67). Entretanto, não se trata aqui de uma posição puramente pragmatista. Morris menciona como seria a posição de John Dewey, que “interpreta mesmo as regras lógicas como generalizações empíricas, incorporando métodos de investigação que têm obtido sucesso para realizar inferências e que foram transformados pelos usuários em princípios aceitos para o desenvolvimento de investigações futuras” (MORRIS, [1938] 1955, p. 67).

Considerações Finais

Notamos que, apesar de a influência do Pragmatismo sobre a obra de Carnap ser inegável, Charles Morris prefere não classificar Carnap como um pragmatista, mas como um autor que oferece uma boa crítica à tradição norte-americana. Com base em tal crítica, Morris, ao lado de Carnap, desenvolve o Empirismo Científico a partir da segunda metade da década de 1930.

Esse contato com Charles Morris evidencia uma relação de Carnap com a tradição pragmatista norte-americana que não vem sendo muito explorada. Ressaltamos, assim, que uma investigação a respeito deste contato contribuirá muito para a compreensão da obra tardia de Rudolf Carnap, bem como para a compreensão do contato do Pragmatismo com a tradição da filosofia analítica europeia da primeira metade do século XX.

* * *

REFERÊNCIAS

- AYER, Alfred Jules. (org). (1959). *Logical Positivism*. New York: The Free Press.
- CARNAP, Rudolf. [1928] (2003). *The Logical Structure of the World* and “Pseudoproblems in Philosophy”. Tradução de Rolf A. George. Chicago and La Salle: Open Court.
- _____. [1931] (1995). “The Unity of Science”. Tradução de Max Black. Key Texts. Bristol: Thoemmes Press.
- _____. [1932] (1996). “On Protocol Sentences”. Tradução de Richard Creath e Richard Nolan. IN: Sarkar, 1996, pp. 81-94.
- _____. (1936-7). “Testability and Meaning”. IN: *Philosophy of Science*, volume 3, pp. 420-471; volume 4, pp. 01-40.

- _____. (1963). "Charles Morris on Pragmatism and Logical Empiricism". IN: Schilpp, 1963, pp. 860-2.
- DEWEY, John. [1939] (1970). *Theory of Valuation*. IN: Neurath et tal, 1970, pp. 379-447.
- MORRIS, Charles W. [1938] (1955). *Scientific Empiricism*. IN: Neurath et tal, 1955, pp. 63-75.
- _____. (1963). "Pragmatism and Logical Empiricism". IN: Schilpp, 1963, pp. 87-98.
- NEURATH, Otto. [1932] (1959). "Protocol Sentences". Tradução de George Schick. IN: Ayer, 1959, pp. 199-208.
- NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf; MORRIS, Charles. (orgs). (1955). *International Encyclopedia of Unified Science*. Volume 1. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. (orgs). (1970). *International Encyclopedia of Unified Science*. Volume 2. Chicago: University of Chicago Press.
- POPPER, Karl. [1934] (2003). *A Lógica da Pesquisa Científica*. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Motta. 10ª edição. São Paulo: Cultrix.
- SARKAR, Sahotra. (org). (1996). *Logical Empiricism at its Peak: Schlick, Carnap and Neurath*. New York e London: Garland.
- SCHILPP, Paul Arthur (org). (1963). *The Philosophy of Rudolf Carnap*. La Salle: Open Court.